



CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA PROCESSOS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INSERÇÃO DE NOVAS LINGUAGENS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Joana Paula Costa Cardoso e Andrade/PIBID/EEEFAB/CAPES

Luan da Silva Soares/PIBID/UEPB/CAPES

Jaquecilene Alves da Silva /PIBID/UEPB/CAPES

Orientador: Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior PIBID/UEPB/CAPES

Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba/ Campus III/ Guarabira – PB

E-mail: joanapaulaandrade_uab@hotmail.com

Resumo: Este estudo sistematiza as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelo PIBID do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba numa escola pública em Guarabira-PB. Tais estratégias foram desenvolvidas a partir das atividades realizadas nas turmas de Ensino Fundamental com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Inglesa por meio de atividades educativas marcadas pelo viés da ludicidade e da interatividade, de modo a promover e a incentivar o processo significativo da aprendizagem da Língua Inglesa. Observou-se diferentes abordagens pedagógicas buscando tornar a sala de aula um espaço mais atrativo, estimular a fala em Língua Inglesa, promover a ampliação do vocabulário e sobretudo, trazer uma alternativa possível para o desenvolvimento de habilidades comunicativas em Língua Inglesa nas salas de aula. O conjunto de atividades descrito contempla a elaboração de um filme curta-metragem, criado a partir da adaptação do conto clássico da literatura infantil e a descrição de sequências didáticas para a ampliação de vocabulário e aquisição de conhecimento relativos a gramática da Língua Inglesa. Os aspectos teórico-metodológicos contemplam os estudos acerca dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e as contribuições de estudiosos a respeito das metodologias para o Ensino de Língua Estrangeira. Além disso, buscamos o aporte teórico sobre atividades de produção oral para a aprendizagem de uma segunda língua e os estudos que tratam dos processos de aprendizagem colaborativa. As considerações resultantes desse estudo promovem uma reflexão acerca das metodologias adotadas para o ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa, Métodos e técnicas de ensino, Aprendizagem colaborativa.



1. INTRODUÇÃO

O ensino de uma língua estrangeira deve apresentar como bases de sua realização a interação entre os sujeitos envolvidos na experiência educativa e o estabelecimento de uma relação de confiança entre professores e alunos a fim de conseguir criar um ambiente capaz de promover uma comunicação efetiva e favorecer o processo de aquisição e apropriação de outra língua.

O trabalho que vem sendo realizado visa melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Inglesa a partir da elaboração de atividades educativas que buscam trazer variadas linguagens para sala de aula, dentre elas, a linguagem filmica e a literária, de modo a promover e a incentivar situações que valorizem a aprendizagem colaborativa em língua inglesa na sala de aula e que tornem o processo de aprendizado uma experiência significativa para os sujeitos envolvidos.

Tais atividades são implementadas com as mais diferentes abordagens pedagógicas com o objetivo de tornar a sala de aula um espaço mais atrativo, de estimular a fala em Língua Inglesa durante a realização das aulas, de promover a ampliação do vocabulário, além de elevar a autoestima dos educandos no sentido de revelar a capacidade que cada um possui de aprender uma nova língua.

Nesse sentido, o trabalho realizado em sala de aula se justifica enquanto oportunidade de fazer com que os alunos de língua estrangeira possam perceber com naturalidade a produção oral em língua estrangeira.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

O trabalho com as ferramentas digitais tem se mostrado eficaz nos processos de ensino-aprendizagem devido a sua capacidade de promover a contextualização todo e qualquer evento comunicativo. Tal característica tende a construir uma forte relação entre os conteúdos abordados e a realidade de cada estudante, uma vez que as ferramentas digitais estão presentes em nosso cotidiano e são socialmente compartilhadas.

Além das características já destacadas, o trabalho mediado pelas ferramentas digitais é capaz de permitir o emprego de diversos recursos multimodais tais como textos, imagens, sons, vídeos, músicas, movimentos, etc. Essa característica é capaz de favorecer o desenvolvimento das competências comunicativas dos educandos, pois amplia suas possibilidades de leitura uma vez que agrega semioses variadas que envolvem diversas operações cognitivas para construção de um efeito de sentido para o texto.



Para tanto, é preciso criar estratégias que propiciem uma aproximação entre os objetivos de ensino e os interesses e a realidade dos nossos alunos. Nessa perspectiva, o trabalho mediado pelas ferramentas digitais se apresenta como uma alternativa viável e eficaz, uma vez que é notório o grande interesse dos jovens pelos novos meios de informação.

A utilização de ferramentas digitais como mediadora de processos educativos está relacionada às atividades desenvolvidas no ciberespaço que se configura, de acordo com Lévy (2010) como um espaço específico de manifestações sociais, que se destina a fomentar a produção cultural de uma sociedade, uma vez que é capaz de favorecer o aprendizado de hábitos, a construção de valores, o estabelecimento de padrões comportamentais, bem como viabiliza a transmissão dos bens sociais construídos nestes processos.

Para Lemos (2004), associada ao ciberespaço e responsável pela construção de processos coletivos, podemos entender que a cibercultura atua como dinamizadora cultural a partir da noção de que é capaz de promover a partilha, a transformação, a disseminação e a troca de ideias e de conhecimento através de processos cooperativos que resultam da reelaboração dos elementos apresentados, reforçando, dessa forma o caráter heterogêneo e plural da cultura.

A fim de refletir sobre como o ciberespaço e sua capacidade de favorecer o compartilhamento de informações, a cooperação e a apropriação de bens simbólicos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, se faz necessário discutir sobre os aspectos gerais da aprendizagem colaborativa.

Para Torres (2004), a proposta de aprendizagem coletiva se caracteriza inicialmente pela participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, assim o aluno não é um mero espectador de sua formação; ao contrário, ele é protagonista, constituinte fundamental da construção do conhecimento.

Numa iniciativa de aprendizagem colaborativa, a produção do conhecimento se dá de modo coletivo, a partir das interações entre os alunos, seus questionamentos e as reflexões resultantes deste processo. Nela, o professor assume o papel de mediador, isto é, o professor não se destaca como detentor do saber, mas sim, inclui-se no grupo e busca orientar as discussões, indicar os caminhos, para que os alunos consigam atingir os objetivos de aprendizagem de maneira autônoma e responsável.

Nesse aspecto, cabe ao professor desenvolver estratégias que busquem estimular, sobretudo, os processos de expressão e de comunicação entre os membros do grupo, favorecendo assim uma



flexibilização dos papéis assumidos em sala de aula, na tentativa de promover o processo de construção coletiva do saber.

Entretanto, nas situações de aprendizagem colaborativa, é possível valorizar as ideias de liberdade e de responsabilidade sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como é interessante trabalhar a noção de autoria. Logo, as iniciativas de aprendizagem colaborativa buscam valorizar o processo, o como fazer, e não, considerar apenas o produto final, para fins de avaliação.

Para Leite et al (2005), o trabalho pedagógico de modo colaborativo com os alunos deve ter como referência uma prática educativa que esteja baseada em um novo paradigma que perceba o educando como um ser não-fragmentado, isto é, perceba o aluno em sua totalidade, superando a visão fragmentada do conhecimento.

Além disso, destacam a necessidade de que a prática pedagógica assuma o diálogo como princípio de sua ação e reconheça os novos papéis assumidos pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Por fim, destaca-se a necessidade de se aliar a tecnologia inovadora como recurso fundamental para promover uma aprendizagem eficiente.

Leite et al (2005) afirmam ainda que a tecnologia, aliada a experiências de aprendizagem colaborativa, pode potencializar situações pedagógicas em que professores e alunos sejam levados a pesquisar, discutir e construir *individualmente e coletivamente* seus conhecimentos.

Neste novo contexto, compreende-se que é exigido um novo papel para o professor e também para o aluno:

O papel do professor é o de facilitador e guia, e não o de dono de todo conhecimento. Os alunos são encorajados a construir significado através de interações linguísticas autênticas com outras pessoas. Eles tem a oportunidade de focar seu próprio processo de aprendizagem através do entendimento de seus próprios estilos de aprendizagem e através do desenvolvimento de estratégias para um aprendizado autônomo (BROWN, 2001, p. 43, tradução nossa)¹.

O ensino de língua estrangeira, nesta perspectiva, reconhece a autonomia dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem de uma nova língua. Assim, professor e aluno são responsáveis por todo o processo. É preciso, no entanto, diferenciar estes níveis de responsabilidades uma vez que o professor tem o preparo técnico para uma intervenção pedagógica respondendo pelas operações globais do ensino, como planejamento, seleção de material, processos avaliativos, entre outros. Faz-

¹ The role of the teacher is that of facilitator and guide, not an all-knowing bestower of knowledge. Students are therefore encouraged to construct meaning through genuine linguistics interaction with other. They are given opportunities to focus on their own learning process through an understanding of their own styles of learning and through the development of appropriate strategies for autonomous learning.



se necessário, também, que o professor que seja capaz de usar a língua-alvo de modo fluente e apropriado.

Este preparo, contudo, não faz do professor uma autoridade, e sim um orientador, um facilitador de processo, já que o aluno também pode e deve contribuir em grande parte das escolhas e tomadas de decisão do professor.

O aluno também ganha um novo papel: torna-se um elemento ativo, autor de seu próprio conhecimento, alguém que constrói caminhos e alternativas a fim de dominar a língua não apenas como um sistema, mas como uma ferramenta que vai ajudá-lo a conhecer novas pessoas e novas culturas, novas formas de pensar e agir.

Nessa alternativa, a tão discutida relação professor-aluno dá lugar à construção de uma relação de confiança, na qual o professor assume o papel de um facilitador de processos, de orientador. O professor é *alguém* que tem a responsabilidade de ajudar a *outros* a construir conhecimento, a se apropriar de um precioso instrumento de comunicação, a descobrir uma nova língua.

Logicamente, essa abordagem exige uma postura diferenciada dos agentes envolvidos na atividade de ensino e aprendizagem de uma nova língua, pois sua intenção é promover a comunicação e esta envolve variadas linguagens e se dá de variadas formas seja através da fala, da leitura, do ouvir, dos gestos, dos estímulos visuais e táteis, todas as formas combinadas ou não, capazes de transmitir uma mensagem. Assim uma gama de opções é oferecida a professores e alunos. No entanto a premissa básica é a interação e o reconhecimento de que cada pessoa carrega consigo características próprias e únicas que precisam ser consideradas e respeitadas.

Sobre a atividade do professor de língua inglesa, Oliveira (2009 p. 143) observa que:

Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de aula de cabeça para baixo e pedir que os alunos façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também com as habilidades de ouvir e falar. É ter a consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa em um mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar.

Dessa forma, entendemos que as atividades que agregam variadas linguagens e que podem ser realizadas de forma coletiva e colaborativa podem contribuir de maneira extremamente positiva para o aprendizado de uma língua estrangeira.



3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

As atividades realizadas pela equipe do PIBID foram desenvolvidas junto às turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Guarabira-PB, no período compreendido entre agosto de 2016 e setembro de 2017.

É importante destacar que este artigo, como não poderia deixar de ser, se refere apenas a um recorte dentre as ações realizadas em sala e que no decorrer do cotidiano escolar, foram trabalhados os conteúdos pertinentes, bem como foram realizadas atividades que buscaram desenvolver as habilidades comunicativas dos alunos.

Também gostaríamos de ressaltar que em nossa intenção de inserir, cada vez mais, a prática oral em sala de aula, nos regamos de materiais lúdicos, fugindo das abordagens típicas do cotidiano escolar, e adaptando algumas dinâmicas para a realidade da sala de aula. Algumas ideias foram adaptadas a partir da obra *Pronunciation Games* de Mark Hancock (1995), material rico em atividades lúdicas para a prática de pronúncia, que também apresenta instruções sobre como realizar as dinâmicas e atividades que favoreçam a produção oral em língua inglesa.

No tópico seguinte, procederemos à descrição das atividades realizadas em sala de aula que buscaram incentivar o desenvolvimento de habilidades linguísticas em Língua Inglesa.

3.1. Descrição das atividades:

I. Elaboração de um filme curta-metragem

Esta atividade foi desenvolvida com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, no período de outubro a dezembro, período referente ao 4º bimestre do ano letivo de 2016. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de discutir com os alunos qual obra seria mais interessante de ser retratada na linguagem fílmica. Após uma roda de conversas, foi escolhida a obra *Wonderful Wizard of Oz* de L. Frank Baum (1900).

O passo seguinte foi o trabalho com a obra em sala de aula, com as versões em português e em inglês, trabalhamos com a intenção de garantir que todos os alunos tivessem acesso a informações e bastante conhecimento sobre a obra. Em seguida, uma vez que os alunos já conheceram personagens, roteiro, cenários, passamos ao momento de elaboração do filme curta-metragem. Nesta etapa, escolhemos os personagens, o figurino e as cenas de maior destaque.



Por fim, seguimos para a etapa de montagem. Nesta fase, nosso projeto ganha forma ao trabalharmos com a edição de imagens, com a inserção de trilha sonora e com as características típicas da linguagem fílmica. Os programas utilizados para composição deste projeto são simples e de fácil manuseio. Além disso, estão disponíveis gratuitamente na internet e em suas versões pagas. A imagem a seguir é uma captura de tela de exibição do vídeo elaborado para demonstrar o efeito artístico-visual empregado para composição do curta.



Figura 1 Cena do curta-metragem. Fonte: Acervo pessoal.

Ao término do trabalho, organizamos uma sessão para apresentação do vídeo para a comunidade escolar. É importante destacar que os alunos acompanharam todo o processo de produção de forma bastante participativa. Acreditamos que essa participação se deu devido ao grande interesse que eles demonstram pelas ferramentas e tecnologias digitais, pela possibilidade de produzir um conteúdo em formato digital que pode ser compartilhado não somente entre os colegas de sala, mas com a rede mundial de computadores, a web2.0.

O formato digital insere o vídeo num novo contexto e estabelece uma ligação entre o espaço físico da sala de aula e o espaço virtual, cibercultural, acessado constantemente pelos alunos e muito mais atrativo devido as suas conexões e linguagem multisemióticas.

Além disso, eles também aprenderam não somente um conteúdo específico, mas uma “forma de fazer”, uma técnica que pode ser aplicada para outros contextos, uma possibilidade de atuação que vai além dos limites da sala de aula.

II. Sequência didática para o estudo de vocabulário relacionado a *clothes*.



As atividades descritas a seguir forma desenvolvidas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, durante o período referente ao primeiro bimestre do ano letivo de 2017, com o objetivo de ampliar o vocabulário referente a *clothes* a partir do trabalho com a construção de um varal e com a elaboração de cartazes e jogos educativos.

Inicialmente trabalhamos em sala de aula o vocabulário a partir do material disponível no site <http://www.mes-english.com/> que traz um acervo de materiais pedagógicos variados para o ensino de Língua Inglesa. Utilizamos *flascards* e apresentações em slides a fim de promover um diagnóstico acerca dos conhecimentos prévios dos nossos alunos a respeito desse tema.

Em seguida realizamos uma atividade que consiste na construção de um vestuário. Elaboramos previamente um cartaz e trouxemos imagens de peças de roupa e acessórios para que os alunos compusessem a vestimenta das personagens do cartaz.



Figura 2 Cartaz para o estudo de vocabulário referente a clothes. Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida realizamos uma atividade que consiste na construção de um vestuário. Elaboramos previamente um cartaz e trouxemos imagens de peças de roupa e acessórios para que os alunos compusessem a vestimenta das personagens do cartaz.

Em grupo, os alunos deveriam escolher um representante e ditar para ele, em inglês, qual a roupa mais adequada para a cena e o aluno escolhia o desenho e colava na figura. A partir daí, passamos ao trabalho com as frases utilizadas para descrição pessoal como modelos como:

What is she wearing?

She is wearing a skirt.



She is wearing boots.

Na aula seguinte, trabalhamos com a construção de um varal organizado para a atividade descrita a seguir: cada aluno foi convidado, na aula anterior, a trazer uma peça de roupa para a sala. Assim, no horário da aula, nós organizamos um varal no quadro e cada aluno colocou a peça que trouxe e em seguida colocou uma etiqueta identificando a roupa escolhida.



Figura 3 Varal pedagógico. Fonte: Acervo pessoal.

A partir da realização dessa atividade podemos fazer algumas considerações a respeito da dinâmica em sala de aula. Inicialmente é importante destacar a participação de todos os alunos presentes. Isso demonstra que os alunos não somente se sentiram à vontade para participar da atividade como também se sentiram confiantes para elaborar suas hipóteses e se comunicar oralmente em Língua Inglesa, além de claramente, identificar a palavra escrita e seu contexto de uso. Entendemos que esta participação e esta segurança tenham sido encorajadas pela prática da atividade coletiva e colaborativa.

Outro ponto a ser destacado se refere ao processo de aprendizagem. Em atividades nas quais se destacam a construção de hipóteses e a aprendizagem colaborativa, temos um processo horizontal de aprendizagem, ou seja, sai de cena a figura do professor centralizador do saber e se apresentam outros atores que compartilham experiências e conhecimentos, que constroem saberes de forma coletiva.

Por fim, a respeito das atividades realizadas, temos ainda alguns aspectos a serem considerados: O primeiro deles consiste no fato de que estamos trabalhando com crianças e adolescentes que estão tendo o primeiro contato institucional com o estudo da Língua Inglesa, uma vez que todos são oriundos da escola pública, em que a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira ocorre somente a partir do sexto ano.



O segundo ponto agrega aspectos que se complementam: de um lado, a boa receptividade com relação a equipe do PIBID e a excelente participação dos alunos nas atividades propostas. O clima de cordialidade e de ludicidade gerado na sala de aula favoreceu não só a participação de todos os alunos, mas também a contribuição de cada um, a partilha de conhecimentos e experiências.

III. Processo avaliativo

A avaliação da aprendizagem dos estudantes durante a realização das atividades se deu de forma contínua e sistemática uma vez que entendemos que a avaliação se refere ao processo educacional como um todo, ou seja, ela participa de um sistema mais amplo e deve ser integrada aos objetivos institucionais da unidade escolar. Por isso mesmo, deve permear todo o processo de aprendizagem, ocorrendo de forma planejada.

Além disso, a avaliação deve ser integral, considerando o estudante como um ser total, que se desenvolve integralmente, e que, portanto, pode ser avaliado em seus mais diversos aspectos.

Assim, em nosso processo avaliativo consideramos o desempenho ao longo das atividades desenvolvidas, considerando sua participação e seu envolvimento na realização das atividades propostas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na escola pública necessita estar aberta a novos caminhos, meios para se conseguir atingir o aprendizado, no qual o professor é peça fundamental e deve estar atento fazendo com que os alunos se comuniquem e interajam um com os outros, levando-os a refletir, discutir e questionar as diferentes situações, utilizando a língua inglesa no seu cotidiano.

As atividades propostas atribuíram um caráter bastante dinâmico às aulas uma vez que proporcionou a interação entre os alunos, a conversa, a organização em equipes, a competição durante os jogos, tomada de decisão de forma coletiva, a busca pela construção do consenso, sempre. Tal aspecto cria um ambiente saudável de interação e de participação em sala de aula, permitindo que o estudante se expresse de modo mais livre e mais informal.

Este caráter mais envolvente das aulas favoreceu a permanência na sala de aula, bem como a assiduidade, conforme podemos observar no acompanhamento da frequência através do diário de



classe, no qual foi possível verificar uma frequência média de 95% durante a realização das atividades.

Além disso, também foi possível observar avanços significantes no que se refere ao domínio dos aspectos estruturais e linguísticos esperados para série, bem como a ampliação do uso autônomo de uma língua estrangeira.

Gostaríamos de concluir nossa discussão com um pensamento de Lima a respeito do ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas:

Resolvi dar uma abordagem um pouco mais encorajadora a minha análise e defender a proposta de que é possível fazer com que o ensino de inglês nas escolas públicas funcione. Para isso, é preciso que haja atitude, responsabilidade, profissionalismo, compromisso e, acima de tudo, amor por aquilo que nos propomos a fazer. (LIMA, 2009; p.160)

Assim como Lima, entendemos que os aspectos subjetivos que estão envolvido na atuação do profissional da educação são fundamentais para a qualidade do ensino. Nesse sentido, o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) é um caminho para que os alunos em processo de formação inicial descubram sua aptidão para o trabalho em sala de aula, construam elementos que possam sustentar sua prática docente de modo eficaz.

Sobretudo, o PIBID possibilita ao estudante entender que o espaço da sala de aula também é um espaço de produção de conhecimento, é um espaço em que necessariamente deve ser estabelecido uma relação entre teoria e prática. E a presença da equipe do PIBID no espaço escolar traz para o profissional da educação a possibilidade de renovação de suas práticas, o compartilhamento de ideias e experiências, e acima de tudo, a valorização do profissional docente.

Referências

BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2.ed New York: Longman, 2001

HANCOCK, Mark. **Pronunciation Games**. Cambridge University Press. 1995.

LEITE, Cristiane Luiza Köb. (et al) **A aprendizagem colaborativa no ensino virtual**. PUC, PR: 2005. Disponível em



<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCC1167.pdf>.

Acesso em 27/06/2017

LEMOS, A. **Cibercultura, cultura e identidade**. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? Contemporânea, vol.2, nº 2, p 9-22, Dez 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010

LIMA, D. C. **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**: Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, A. P. de. Abordagens Alternativas no Ensino de Inglês In: LIMA, D. C. **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**: Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009.

TORRES, Patrícia Lupion. **Laboratório on-line de aprendizagem**: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação. Tubarão: Ed. Unisul, 2004.